

A EXPECTATIVA É DE QUE, A PARTIR DA PRÓXIMA SEMANA, O PROJETO DE LEI 73/99, QUE TRATA DAS COTAS NAS UNIVERSIDADES, SEJA COLOCADO EM VOTAÇÃO NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

Governo quer cotas aprovadas este ano também para os Cefets

A proposta é garantir vagas para alunos egressos da rede pública de ensino

ELISANGELA BELLO
ebello@redgazeta.com.br

O governo federal quer que o sistema de cotas seja aprovado ainda neste ano, para que, além das universidades, a reserva de vagas para alunos da rede pública seja adotada também nos Centros Federais de Educação Tecnológica, nos ensinos médio e profissionalizante.

A expectativa é de que a partir da próxima semana, o Projeto de Lei 73/99, que trata das cotas nas universidades, seja colocado em votação na Câmara dos Deputados.

Anexado a ele, está o Projeto de Lei 3627/2004, que estende as cotas às demais instituições federais de ensino superior (o que inclui os Cefets). Os projetos podem ser votados em separado, e assim, acabar beneficiando a adoção do sistema de cotas nas escolas técnicas.

“Esses projetos estão prontos para serem votados, não há motivo para

não aprová-los”, afirmou ontem o secretário de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (MEC), Eliezer Pacheco. Ele afirmou ainda que a adoção de cotas nos Cefets é menos polêmica que nas universidades.

“É menos polêmico. Nas universidades ainda existe aquele preconceito elitista de que adoção de cotas ‘baixaria

o nível do ensino’, o que é um absurdo. O aluno cotista demonstra ser tão bom quanto o não-cotista”, afirmou.

COMO É. O projeto que está para ser votado na Câmara prevê a adoção de cotas de 50% de vagas para alunos vindos de escolas públicas. Dentro deste percentual, ainda seriam contemplados alunos negros e indígenas.

No caso dos Cefets, o secretário explica que mesmo que a lei não cite os ensinos médio e profissionalizante, o MEC irá estender

as regras. “A lei vai obrigar a adoção das cotas no ensino superior, mas entendemos que os cursos do ensino médio e profissionalizante devem adotar. Independentemente da legislação, existem instituições que já fazem isso há anos”, afirmou Pacheco, fazendo referência ao Cefet-RN, que adota a reserva de vagas há 11 anos.

Caso seja aprovada a lei e adotada a reserva de vagas no país, os candidatos aos cursos dos Cefets por cotas terão que ter cursado o ensino fundamental na rede pública.

Ufes: polêmica adia reserva de vagas

A Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) ainda não tem data para implantar o seu sistema de cotas, nem definiu qual modelo que será adotado. Na última reunião plenária do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), a proposta de reserva de vagas foi rejeitada por 12 votos a 11, por não prio-

Direção do Cefetes não se manifesta

A direção do Centro Federal de Educação Tecnológica do Estado (Cefetes) foi procurada pela reportagem para se manifestar sobre a adoção do sistema de cotas, mas não retornou as ligações até o fechamento da edição. Em entrevista ao jornal A GAZETA, publicada em fevereiro deste ano, quando já se discutia a possibilidade de as cotas atingirem as escolas técnicas, o diretor de Ensino do Cefetes, Denio Rebello, considerou válida a proposta de reserva de vagas, desde que ela fosse provisória. Na época, a instituição informou que a decisão final sobre o sistema de cotas ficaria a cargo da Câmara de Ensino e Pesquisa do Cefetes, que só se manifestaria após a aprovação do projeto de lei do governo federal.



Modelo já é adotado em três Estados, com bons resultados

A experiência é aplicada nas instituições de ensino do Rio Grande do Norte, Bahia e Campos

Pelo menos três Centros Federais de Educação Tecnológica já adotam informalmente a reserva de vagas para alunos vindos de escolas públicas: o do Rio Grande do Norte, o da Bahia e o de Campos, no Rio de Janeiro. A intenção do MEC é estender as experiências às demais instituições do país.

Segundo o presidente do Conselho dos Dirigentes dos

Centros Federais de Educação Tecnológica (Concefet), Luiz Caldas, que também é diretor do Cefet de Campos, a experiência dessas unidades tem apresentado resultados positivos. “Os alunos que entram por esse caminho têm um bom rendimento no Cefet, e também quando saem, no mercado de trabalho”, afirmou.

Ele afirmou ainda que a medida visa a permitir que a população de menor renda tenha acesso à educação profissional. “Houve uma queda da qualidade na educação pública de maneira geral, e as escolas técnicas mantiveram um padrão de qualidade, qualificando sempre

seus profissionais, tendo um bom quadro de professores”, afirmou, referindo-se ao fato de muitos dos alunos dos Cefets terem vindo da rede privada.

Para que os alunos cotistas tenham as mesmas oportunidades na educação tecnológica e profissional, no entanto, o diretor ressalta que também devem ser adotadas medidas de permanência dos alunos nas instituições.

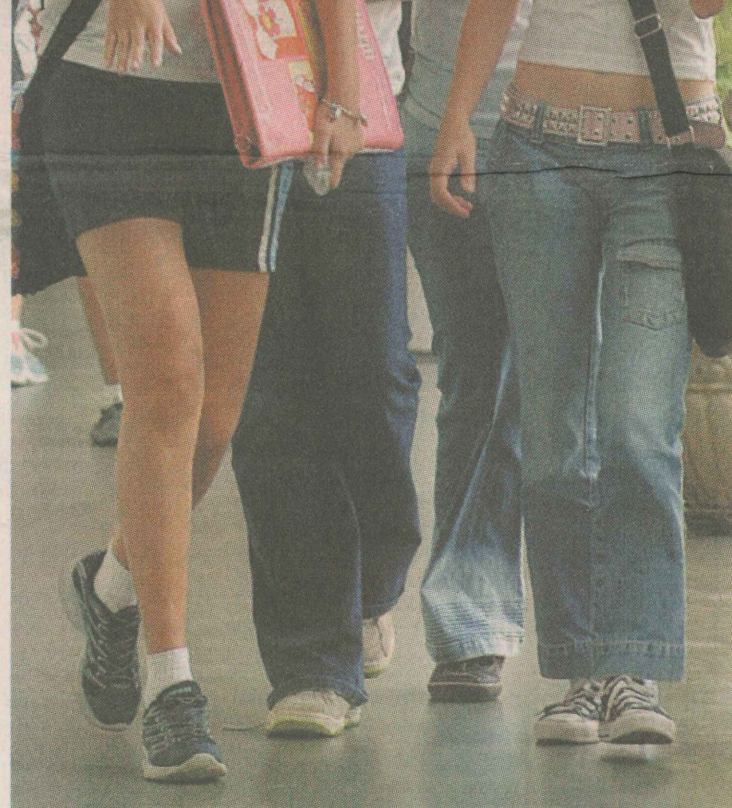
Em Campos, as cotas não atingem a população negra ou indígena. “Não chegamos ao debate racial, mas acredito que isso será discutido de acordo com as características regionais de cada instituição”, disse.

por 12 votos a 11, por não priorizar a questão racial, defendida pelo movimento negro.

Depois disso, uma ação civil pública foi movida pelo Ministério Público Federal (MPF), pedindo que as cotas fossem implantadas na Ufes já no próximo ano. Mas o pedido de liminar foi indeferido pelo juiz Alexandre Miguel, da 4ª Vara Federal Cível.

A justificativa foi de que a Ufes não estaria infringindo a lei por não adotar as cotas em 2007 e que a adoção de medidas afirmativas caberia aos poderes Executivo e Legislativo, e não ao Judiciário. Segundo a assessoria de imprensa da Ufes, o tema deve voltar a ser debatido no Cepe.

Também no mês passado, um grupo de estudantes de escolas públicas fez um protesto na universidade, levando um abaixo-assinado com 2 mil assinaturas, pedindo que as cotas para alunos da rede pública fossem adotadas.



NÍVEL. Por causa da qualidade de ensino, o processo seletivo do Cefetes atrai milhares de candidatos. FOTO: HELÔ SANTANA

NA ÚLTIMA QUINTA-FEIRA, UMA VAN TOMBOU NO LOCAL FERINDO CINCO PESSOAS

Acidente com van não muda trânsito na ladeira de acesso ao Convento

Frei pede atenção aos motoristas, e diz que proibição só existe para ônibus e caminhões

tem várias curvas em subidas, e descidas íngremes em alguns pontos.

Frei Geraldo destacou que esse foi o primeiro acidente com feridos que ocorreu no Convento. Segundo ele, apenas duas derrapagens e um tombamento com carros de passeio haviam sido registrados anteriormente, porém sem vítimas.

A assessoria de imprensa da Prefeitura Municipal de Vila Velha disse que não pode disponibilizar agentes de trânsito para dar apoio nos dias de festa no Convento da Penha, por se tratar de uma área particular. Mas “caso seja feita a solicitação, a PMVV está disposta a discutir uma possível parceria”.

Entre os passageiros da Van que ficaram feridos, ainda permanece em observação no Hospital São Lucas, em Vitória, Maria Amália Santos

Fraga, 60 anos, que teve parte do couro cabeludo arrancado. Segundo informações da Secretaria Estadual de Saúde, havia suspeita de traumatismo craniano, que não foi confirmada.



TRANQUÍLO. Um dia depois do acidente, carros trafegavam normalmente na estrada. FOTO: CARLOS ALBERTO DA SILVA

◆ CIDA ALVES

O trânsito nas ladeiras do Convento da Penha não deve mudar, mesmo depois do acidente ocorrido na última quinta-feira, Dia de Nossa Senhora Aparecida, informou o guardião do santuário, Frei Geraldo Freiberger. Uma Van com 16 pessoas, da localidade de Iguape, zona rural de Guarapari, tombou a 200 metros do Campinho e cinco passageiros ficaram feridos.

Segundo o frei Geraldo, apenas ônibus e caminhões são proibidos de trafegar no local. Ele pede atenção aos motoristas, já que a estrada

O QUE ELES DIZEM

“Deixo meu carro lá embaixo e subo a pé”

JOÃO MOYSÉS
52 anos, eletrotécnico

“Mesmo antes desse acidente, eu sempre deixei o meu carro lá embaixo para subir a pé a ladeira do Convento da Penha. Porém acho cedo demais para tomarem alguma atitude com relação a mudanças no trânsito nas ladeiras do acesso.



“Nunca vi acidente como o da van”

OZÉAS FARIAS
48 anos, militar

“Frequente o Convento da Penha há anos e nunca vi outro acidente como o que aconteceu com a van. Se fossem registrados casos mais frequentes, aí sim acho que deveria ser tomada alguma providência em relação ao tráfego de carros”.

